



**Keyla Christina Almeida Portela  
Alexandre José Schumacher  
(Organizadores)**

# **Produção Científica e Experiências Exitosas na Educação Brasileira**

Keyla Christina Almeida Portela  
Alexandre José Schumacher  
(Organizadores)

# Produção Científica e Experiências Exitosas na Educação Brasileira

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Executiva: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Natália Sandrini  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista  
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
P964	<p>Produção científica e experiências exitosas na educação brasileira 1 [recurso eletrônico] / Organizadores Keyla Christina Almeida Portela, Alexandre José Schumacher. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Produção Científica e Experiências Exitosas na Educação Brasileira; v. 1)</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-551-8 DOI 10.22533/at.ed.518192008</p> <p>1. Educação – Pesquisa – Brasil. 2. Professores – Formação – Brasil. I. Portela, Keyla Christina Almeida. II. Schumacher, Alexandre José. III. Série.</p> <p style="text-align: right;">CDD 370.71</p>
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

Os e-books intitulados “**Produção Científica e Experiências Exitosas na Educação Brasileira**” apresentam 6 volumes baseados em trabalhos e pesquisas multidisciplinares de diversos estudiosos da educação. A produção científica corrobora para o conhecimento produzido e difundido, além de fazer um papel de diálogo entre os pesquisadores e o meio científico.

Estas pesquisas têm como base os estudos multidisciplinares, que apresentam desafios em seu mapeamento, pois envolvem pesquisadores com distintas áreas de atuação. Diante desse cenário, a Atena Editora aglutinou em seis volumes uma grande diversidade acadêmico científica com vistas a uma maior contribuição multidisciplinar.

No primeiro volume encontramos trabalhos relacionados as vivências, práticas pedagógicas, desafios profissionais, formação continuada, bem como propostas de novas técnicas diante do cotidiano dos pesquisadores.

No segundo volume nos deparamos com estudos realizados no âmbito da educação especial, bullying, educação inclusiva e direitos humanos, bem como com políticas educacionais. Neste capítulo, buscou-se apresentar pesquisas que demonstrem aos leitores as experiências e estudos que os pesquisadores desenvolveram sobre os direitos e experiências educacionais.

No terceiro volume temos como temas: as tecnologias e mídias digitais, recursos audiovisuais, formação de jovens e adultos, currículo escolar, avaliação da educação, mudança epistemológica e o pensamento complexo. Neste volume, é perceptível o envolvimento dos pesquisadores em mostrar as diferenças de se ensinar por meio da tecnologia, e, também, com visão não reducionista, ou seja, o ensinar recorrendo a uma rede de ações, interações e incertezas enfrentando a diversidade humana e cultural.

No quarto volume, encontra-se diferentes perspectivas e problematização em relação as políticas públicas, projetos educativos, projetos de investigação, o repensar da prática docente e o processo de ensino aprendizagem. Os artigos aqui reunidos exploram questões sobre a educação básica abordando elementos da formação na contemporaneidade.

No quinto volume, apresenta-se pesquisas baseadas em reflexões, métodos específicos, conceitos e novas técnicas educacionais visando demonstrar aos leitores contribuições para a formação dos professores e as rupturas paradigmáticas resultante das experiências dos autores.

Para finalizar, o sexto volume, traz relatos de experiências e análises de grupos específicos visando demonstrar aos leitores vários estudos realizados em diversas áreas do conhecimento, sendo que cada um representa as experiências dos autores diante de contextos cotidianos das práticas educacionais sob diferentes prospecções.

À todos os pesquisadores participantes, fica nossos agradecimentos pela

contribuição dos novos conhecimentos. E esperamos que estes e-books sirvam de leitura para promover novos questionamentos no núcleo central das organizações educacionais em prol de uma educação de qualidade.

Keyla Christina Almeida Portela  
Alexandre José Schumacher

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A ATUAÇÃO DO CENTRO DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS ALTERNATIVO NA ESCOLARIZAÇÃO DOS ESTUDANTES ENAWENE NAWE, JUÍNA, MATO GROSSO	
Cleyde Nunes Pereira de Carvalho Léia Teixeira Lacerda	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5181920081</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>13</b>
A ATUAÇÃO DO PROFESSOR DA EDUCAÇÃO BÁSICA, TÉCNICA E TECNOLÓGICA (EBTTs) NO INSTITUTO FEDERAL DO PARANÁ CAMPUS PALMAS	
Melania Dalla Costa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5181920082</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>26</b>
A DIALÉTICA ENTRE CRIAÇÃO ARQUITETÔNICA E DESENHO PARAMÉTRICO: EXPERIÊNCIAS DIDÁTICAS	
Thiago Henrique Omena Arthur Hunold Lara Ana Judite Galbiatti Limongi França	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5181920083</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>37</b>
A DIVERSIDADE SEXUAL NO LIVRO DIDÁTICO DE CIÊNCIAS	
Gabriela Marinho Sponchiado Juliana Cerutti Ottonelli	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5181920084</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>49</b>
A HISTÓRIA DA CIÊNCIA NOS LIVROS DIDÁTICOS DE BIOLOGIA DO ENSINO MÉDIO: UMA ANÁLISE DO CONTEÚDO DE EVOLUÇÃO COMO TEMÁTICA INVESTIGATIVA	
Malena Marília Martins Gatinho Kézia Ribeiro Gonzaga Frederico Passini Silva Vanessa Oliveira Gonçalves	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5181920085</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>62</b>
A VISÃO DOS ALUNOS DO 2º ANO DO ENSINO MÉDIO DO NORTE DE MATO GROSSO SOBRE AS AULAS PRÁTICAS DE QUÍMICA	
Lucas Freza Bohrer Karina Janaina Jung Oalas Aparecido Moraes dos Santos Sílvia Cândida de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5181920086</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>67</b>
ALGUNS ASPECTOS NA BELÉM DE BELLE ÉPOQUE. LÁTEX E BELLE ÉPOQUE: UM CASAMENTO PERFEITO	
Antonia Eriane Silva Costa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5181920087</b>	

<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>71</b>
ALICE MILLER E A PEDAGOGIA NEGRA	
Roseli Zanon Brasil	
Romualdo Dias	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5181920088</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>78</b>
ALTERIDADES MBYA-GUARANI NO FACEBOOK – VIVÊNCIAS DE UMA PESQUISA	
Fátima Rosane Silveira Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.5181920089</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>90</b>
ANIME COMO PROPOSTA PARA O ENSINO DE BIOLOGIA: UMA ANÁLISE DO ANIME HATARAKU SAIBOU	
Amanda Jéssica Silva Santos	
Érica Oliveira de Lima	
Victor Hugo de Oliveira Henrique	
<b>DOI 10.22533/at.ed.51819200810</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>98</b>
ARTE, UMA POSSIBILIDADE DE CONTEXTUALIZAÇÃO DE CONCEITOS POR MEIO DA CRIATIVIDADE E IMAGINAÇÃO	
Sofia Maia Oliveira	
Vanessa Fernanda Lopes Lucas Soares	
<b>DOI 10.22533/at.ed.51819200811</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>114</b>
AULA PRÁTICA SOBRE DILUIÇÃO DO PERMANGANATO DE POTÁSSIO COMO UMA FERRAMENTA METODOLÓGICA DE APRENDIZAGEM	
Lucas Freza Bohrer	
Karina Janaina Jung	
Oalas Aparecido Morais dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.51819200812</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>122</b>
CANTINHO DA LEITURA: CONSTRUINDO A COMPETÊNCIA DE LEITURA E ESCRITA	
Diolina Alves dos Santos	
Célia Maria Alves	
Dorcas Faria de Oliveira	
Eleandra Negri Costa	
Maria do Socorro Gomes de Assis	
Raquel Pereira do Nascimento	
Vânia Horner de Almeida	
Voila Roberta Pereira Gonçalves	
<b>DOI 10.22533/at.ed.51819200813</b>	



<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>130</b>
DESAFIOS E POSSIBILIDADES NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NO CURSO TÉCNICO EM AGROPECUÁRIA	
Maria Helena Ferrari Allan Vinícius Jacobi Érica Jaqueline Pizapio Teixeira Luciano Duarte Souza Juliana Negrello Rossarola Thiago Duarte Mielke	
<b>DOI 10.22533/at.ed.51819200814</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>144</b>
ENSINO DE GEOGRAFIA E AS GEOTECNOLOGIAS	
Luiza Carla da Silva Soares Assis Heibe Santana da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.51819200815</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>155</b>
ENSINO PRÁTICO E INTEGRADO DE ELETRÔNICA E PROGRAMAÇÃO DE COMPUTADORES EMPREGANDO O MICROCONTROLADOR ARDUINO	
Carlos Yujiro Shigue Alexandre de Moraes Ricardi Eduarda Wiltiner Reis Santana Danilo Bellintani Vinicius de Souza Meirelles Sandra Giacomini Schneider	
<b>DOI 10.22533/at.ed.51819200816</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>167</b>
ESCOLA SARÃ: O TEMPO DA ESCOLA E OS TEMPOS DA VIDA	
Jucilene Oliveira de Moura Ozerina Victor de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.51819200817</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>181</b>
“ESCOLA SEM PARTIDO”: REFLETINDO SOBRE UMA (IM)POSSÍVEL IMPLEMENTAÇÃO NO CONTEXTO EDUCACIONAL BRASILEIRO	
Rômulo Menegas	
<b>DOI 10.22533/at.ed.51819200818</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>193</b>
ESCOLAS MILITARES: ENFÂSE AO COLÉGIO POLICIAL MILITAR FELICIANO NUNES PIRES	
Paulo Ramos dos Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.51819200819</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>202</b>
ESGRAVA ESPERANÇA GARCIA: UMA PROPOSTA DIDÁTICO-PEDAGÓGICA À APLICABILIDADE DA LEI 10.639/2003	
Anna Maria Ribeiro Fernandes Moreira da Costa Rosemar Eurico Coeng	
<b>DOI 10.22533/at.ed.51819200820</b>	

<b>CAPÍTULO 21 .....</b>	<b>216</b>
ESTUDO DA RESISTÊNCIA À TRAÇÃO DE MISTURAS ASFÁLTICAS MORNAS MODIFICADAS COM ÓLEO VEGETAL	
Paulo Roberto Barreto Torres Wesley Rodrigues Menezes Eduardo Antônio Guimarães Tenório Jefferson Honório Gomes da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.51819200821</b>	
<b>CAPÍTULO 22 .....</b>	<b>225</b>
FORMAÇÃO CONTINUADA EM MATEMÁTICA PARA PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DA REDE MUNICIPAL DE BOM RETIRO DO SUL/RS	
Malcus Cassiano Kuhn	
<b>DOI 10.22533/at.ed.51819200822</b>	
<b>CAPÍTULO 23 .....</b>	<b>242</b>
GÊNEROS TEXTUAIS COMO RECURSO DIDÁTICO NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA NA ESCOLA ESTADUAL QUILOMBOLA JOSÉ MARIANO BENTO	
Marcia Rezende de Sousa Madalena Santana de Sales	
<b>DOI 10.22533/at.ed.51819200823</b>	
<b>CAPÍTULO 24 .....</b>	<b>251</b>
GERENCIALISMO ESTATAL E A RELAÇÃO PÚBLICO-PRIVADA NA EDUCAÇÃO EM GOIÁS	
Maria Augusta Peixoto Mundim Luelí Nogueira Duarte e Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.51819200824</b>	
<b>CAPÍTULO 25 .....</b>	<b>267</b>
HISTÓRIA, PATRIMÔNIO E MEMÓRIA: AS FONTES HISTÓRICAS E O FAZER PEDAGÓGICO EM SALA DE AULA	
Francisca Neta Nunes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.51819200825</b>	
<b>CAPÍTULO 26 .....</b>	<b>280</b>
IMPrensa e Educação: O Decreto nº 31 de 29 de Janeiro de 1890 para a Instrução Pública do Estado do Paraná	
André de Souza Santos Gizeli Fermino Coelho Maria Cristina Gomes Machado	
<b>DOI 10.22533/at.ed.51819200826</b>	
<b>CAPÍTULO 27 .....</b>	<b>292</b>
INVESTIGAÇÃO DA EFICÁCIA DA LUDICIDADE COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA PARA ENSINO DE BIOLOGIA CELULAR	
Bruna Menezes de Oliveira Michelly Rodrigues Pereira da Silva Amanda Karla Santiago Araújo Welton Aaron de Almeida Julianne Cybelly Santos Silva Emmanuel Viana Pontual Suzane Bezerra de França	
<b>DOI 10.22533/at.ed.51819200827</b>	

<b>CAPÍTULO 28</b> .....	<b>301</b>
JUVENTUDE E EDUCAÇÃO: POSSÍVEIS CAMINHOS DA (DES)CONEXÃO	
Ivanês Zappaz	
DOI 10.22533/at.ed.51819200828	
<b>CAPÍTULO 29</b> .....	<b>311</b>
JUVENTUDES EM TRÂNSITOS: DIVERSIDADE DE GÊNEROS - EXPERIÊNCIAS E NARRATIVAS NO CONTEXTO ESCOLAR	
Pollyanna Rezende Campos	
Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti	
DOI 10.22533/at.ed.51819200829	
<b>CAPÍTULO 30</b> .....	<b>322</b>
MÉTODO DE REDUÇÃO AO MESMO COEFICIENTE NA RESOLUÇÃO DE SISTEMAS DE EQUAÇÃO DO PRIMEIRO GRAU: UM ESTUDO NA PROPOSTA DE JOSÉ ADELINO SERRASQUEIRO NO TRATADO DE ÁLGEBRA ELEMENTAR (1878)	
Enoque da Silva Reis	
Luiz Carlos Pais	
DOI 10.22533/at.ed.51819200830	
<b>SOBRE OS ORGANIZADORES</b> .....	<b>333</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>334</b>

## JUVENTUDE E EDUCAÇÃO: POSSÍVEIS CAMINHOS DA (DES)CONEXÃO

**Ivanês Zappaz**

Secretaria da Educação do Rio Grande do Sul  
Garibaldi – RS

**RESUMO:** No presente estudo, recorte de uma investigação maior, busco analisar algumas das práticas constituídas a partir do uso das mídias e tecnologias por jovens trabalhadores, estudantes de uma escola pública de Ensino Médio Noturno, da cidade de Garibaldi (RS). Para tanto, valho-me do aporte dos Estudos Culturais em Educação, em uma abordagem pós-estruturalista e de referências do campo dos Estudos de Juventude. Os dados empíricos foram constituídos frente às observações dos jovens no espaço escolar, à análise de questionário respondido pelos participantes, à organização de grupos de discussão e ainda, ao estudo das narrativas dos mesmos acerca de dimensões de sua condição juvenil. Dentre outros achados, percebe-se que as práticas vivenciadas por tais jovens sofrem interferências intensas de modos consumistas e tecnológicos. Em consonância com as perspectivas teóricas apresentadas, compreendo que essa pesquisa, mais do que tratar sobre o atrelamento dos jovens contemporâneos às tecnologias, constitua uma possibilidade para que professores e pesquisadores analisem modos diversificados de ser jovem na contemporaneidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Estudos Culturais. Juventude. Tecnologias. Celular.

### 1 | JOVENS CONECTADOS: O USO DAS MÍDIAS E AS TECNOLOGIAS

A pesquisadora Rosa Fischer, em artigo datado do ano de 2007, por vezes cita os termos *Orkut* e *MSN*, sendo que estes, em menos de dez anos caíram completamente em desuso, substituídos por outras ferramentas de relacionamentos mais modernas e com muitos mais recursos, como o *Whatsapp*, *Instagram*, *Snapchat*. Em sua pesquisa, a autora apresenta três cenas bastante frequentes e atuais no cenário escolar. Na primeira, destaca o modo de vida de uma adolescente de 12 anos hiperconectada, que praticamente, ao mesmo tempo, se comunica com seus colegas pelo *MSN* em seu computador, assiste televisão, confere as atualizações em seu celular, enquanto conversa presencialmente com seus familiares. Na segunda situação, a cena ilustra três jovens do Ensino Médio, oriundos de um acampamento do MST (Movimento dos Trabalhadores sem Terra), que consultam mensagens em seus celulares, enquanto se dirigem apressadamente para suas casas preocupados com o novo capítulo da série

televisiva *Malhação* e as possíveis mensagens no *Orkut*, em seus computadores. Por fim, o terceiro caso aponta para uma jovem professora, recém-doutora, estreando na docência em uma escola pública, que se angustia com a realidade escolar em relação a tudo o que vivenciou nas suas formações acadêmicas, a qual também não passa alheia aos comentários tele novelescos com os/as demais professores/as, muito menos indiferente à sua caixa de mensagens em seu computador, enquanto busca ajuda na internet para a escrita de um novo artigo. O certo é que as situações referidas acima estão mais do que naturalizadas no dia-a-dia de nossas escolas, invadem sem cerimônia os espaços, configurando-se em novas formas de pedagogias culturais, por vezes necessárias e úteis, outras vezes inconvenientes e embaraçosas. Assim como reforça a autora Sales (2014, p. 230), ao inferir sobre o tema:

Lousas digitais, computadores, sites educacionais, web-aulas, video-conferências, jogos pedagógicos, softwares educativos, laboratórios de informática, Datashow, laptops, netbooks, tablets, e-books, celulares, smartphones, ultrabooks, MP3, MP4, câmeras digitais, HD portátil, pendrives, CD-Rom, DVD, SMS, blogs, e-mail, Orkut, Facebook, Twitter, MSN são apenas alguns poucos exemplos de um número praticamente infinito de artefatos tecnológicos presentes nas escolas de hoje.

Porquanto este sem número de artefatos, dentre outros tantos, passou a fazer parte do cotidiano não só das escolas, mas da sociedade como um todo, reforçando ainda mais o consumo desenfreado, no instante em que a cada momento surgem novos e mais modernos artefatos, dos quais a juventude, contrastando com as estruturas escolares, se apropria e toma para si com desmedida eficácia e desenvoltura. Assim, essa capacidade de transitar por vários espaços, pelo novo e instantâneo, de estar lá e aqui ao mesmo tempo, foi intimamente assumida pelos jovens, que tiveram na revolução digital seu grande aliado. É comum hoje, crianças de três ou quatro anos manusearem com extrema facilidade controles remotos, computadores e telefones celulares, como também ver jovens de 15 anos estarem descartando seu 6º ou 7º telefone celular, o que independe na maioria das vezes, da classe social a qual pertence.

A partir do referencial teórico dos Estudos Culturais em Educação, entendo que os jovens contemporâneos, são em muitas situações, referidos como sujeitos que se destacam por características específicas, a exemplo da capacidade de realizar várias atividades ao mesmo tempo, como assevera Garbin (2009, p. 33):

É uma camada juvenil que tecla ao mesmo tempo em que troca e-mails, navega em sites, posta fotos em outros, assiste televisão [com o controle remoto à mão], ouve música num walkman, num discman, num iPod, num MP3/4/5/6/... player, num celular, num Palm top, ou num aparelho de som convencional e comenta o que assiste e ouve, o que tecla, troca de canais a todo instante em busca de novas imagens, de novos sons, dos mais diferentes lugares e com os mais diferentes personagens, com uma velocidade ímpar [...]

Neste trabalho, recorte de uma investigação maior, na qual busco analisar e

problematizar algumas das práticas de lazer constituídas por um grupo de jovens trabalhadores, estudantes do Ensino Médio noturno, de uma escola pública da cidade de Garibaldi (RS), pude perceber a importância (ou fascínio) que as ferramentas audiovisuais, especialmente o uso do telefone celular, têm em seu cotidiano, não sendo inseparável no ambiente escolar. Para tanto, valho-me da perspectiva dos Estudos Culturais, em uma abordagem pós-estruturalista e, desta forma, compreendo a juventude como uma categoria plural, para além das questões etárias e biológicas.

No que tange a metodologia utilizada, destaco que o presente estudo foi realizado com trinta e cinco estudantes do Ensino Médio Noturno, com idades entre quinze e dezoito anos. Ao público referido foram feitas observações no espaço escolar, aplicado um questionário aberto sobre suas práticas de lazer e aspectos de sua condição juvenil, bem como sobre o uso das ferramentas tecnológicas. Somou-se a isso a organização de dois grupos de discussão com os participantes e, posteriormente, a análise das narrativas dos mesmos acerca de dimensões de sua condição juvenil. Conforme Ramos (2009, p. 24), que toma por base autores como Rosa Hessel Silveira, Jorge Larrosa e Leonor Arfuch, as narrativas são entendidas “como formas de se conferir sentido e visibilidade às experiências individuais e coletivas, o que está implicado em um processo contínuo de produção de sujeitos, que são posicionados no interior das múltiplas tramas”.

Quanto aos Estudos Culturais, na perspectiva pós-estruturalista é iminente acrescentar que tal campo é entendido como uma produção coletiva no âmbito das Ciências Humanas e Sociais, que viabiliza a formulação de uma ampla gama de estudos, os quais fomentam a análise de diferentes aspectos da contemporaneidade, assumida em sua ambiguidade, complexidade e contradições. Desde sua origem, configuraram-se como um campo teórico que tensiona tradições elitistas, as quais persistiam “exaltando uma distinção hierárquica entre alta cultura e cultura de massas, entre cultura burguesa e cultura operária, entre cultura erudita e cultura popular”. (COSTA, SILVEIRA E SOMMER, 2003, p. 37).

## 2 | DAS JUVENTUDES E A ESCOLA: A CONEXÃO POR UM FIO

[...] a juventude aparece como uma “construção cultural” relativa no tempo e no espaço. Cada sociedade organiza a transição da infância à vida adulta, ainda que as formas e conteúdos dessa transição sejam enormemente variáveis (FEIXA, 1999, p.18).

Ao compreender a juventude como uma categoria plural, como afirmam Carles Feixa (1999), Rosa Fischer (2001), Elisabete Garbin (2009), Juarez Dayrell (2003), entre outros autores, Spósito (1999, 2002) considera impreciso conceituar o termo juventude no singular, utilizando assim o termo *juventudes*, enfatizando conseqüentemente, a diversidade social e cultural que as envolvem. A autora evidencia ainda que a juventude é marcada pelo aspecto da transitoriedade da vida

infantil para a vida adulta, numa concepção que permitiria entender o processo de maneira homogênea, embora tal transição tenha se alongado e assumido contornos balizados por questões sociais, culturais, de gênero e de regiões.

Vale destacar que, conforme aponta a ONU (Organização das Nações Unidas), o sujeito jovem é aquele que está inserido entre os 15 e 24 anos, período esse que situa o indivíduo entre a saída da infância/adolescência e a entrada no universo adulto. Em que pese importante demarcar a juventude dentro dos padrões etários, é pertinente destacar que muito além do tempo cronológico, a vivência desta etapa da vida conforme a história de cada um, suas características e tudo com o que se relaciona, assume importância infinitamente maior.

Na atualidade, encontramos jovens de todos os estilos, de diferentes famílias, com ou sem aspirações futuras, e que por vezes, assumem sua independência, mesmo que momentânea. São consumistas ao extremo, como salienta Rosa Maria Bueno Fischer em seu estudo de 1996, que já apontava os jovens, diferentemente do público infantil, como um público mais exigente em relação ao consumo, tendo o “poder econômico de comandar os destinos de uma indústria bilionária” (FISCHER, 1996, p. 41).

Tais juventudes são marcadas pelo modo capitalista que aponta para um modelo consumista e midiático. Há em curso atualmente uma disputa ampla e insaciável, principalmente, sobre este segmento, que tem enorme capilaridade social e influência capaz de promover diretrizes, verdades e normas. Frente a todas as possibilidades e exageros a que somos expostos diariamente, as pessoas (naturalmente) são direcionadas para uma busca frenética pelo novo. É preciso descartar, trocar, consumir para estar na moda, para ser visto, para ser falado, para estar entre os melhores, uma vez que o duradouro perde o valor rapidamente, não interessa a quem o produz, nem a quem o vende e não pode interessar por muito tempo – principalmente – a quem o compra, porque “excesso e extravagância são companheiros de viagem mais leais, inseparáveis, da economia consumista – e destinados a permanecer inseparáveis até que a morte (comum) os separe” (BAUMAN, 2013, p. 41).

Bauman (2013, p.34) traz ainda importante contribuição quando se refere ao modelo inquietante de vida da geração jovem atual, que nunca está contente, está sempre a buscar algo que não sabe o quê, a qual não conhece outros modelos, que tem praticamente tudo (e nada) ao seu alcance, e que identifica como:

[...] uma sociedade de consumidores e uma cultura agorista – inquieta e em perpétua mudança – que promove o culto da novidade e da contingência aleatória. Numa sociedade e numa cultura assim, nós sofremos com o suprimento excessivo de todas as coisas, tanto os objetos de desejo quanto os de conhecimento, e com a assombrosa velocidade dos novos objetos que chegam e dos antigos que se vão.

Nesse contexto, é próprio da juventude apoderar-se das tecnologias para suas próprias construções, seus modos de comunicação e interação social. À medida

que vão vivenciando e transitando pelos mais variados espaços da cultura juvenil contemporânea, os/as jovens vão estabelecendo condições de (con)viver no universo social no qual estão inseridos, principalmente, a escola, com todas as suas mazelas e contradições.

O espaço escolar é constituído de diversidades múltiplas, seja pela ótica familiar, profissional, religiosa, étnica, política, social, cultural, de gostos e desejos. Cada aluno/a traz em sua bagagem uma história, uma linguagem, uma forma de compreender o mundo, de se relacionar. A relação que estabelece com seus pares proporciona novas e ilimitadas visões do seu entorno, ampliando seus conhecimentos e o conectando a outras culturas. Entender a escola como um espaço múltiplo e diverso, talvez, seja hoje, o nosso grande desafio. Mudar o que foi aprendido ao longo da história, bem como o falso moralismo, enraizado e difundido pelo sistema social vigente não é uma tarefa fácil, afinal, o que não vem dando certo já é de conhecimento de todos.

Romper com a escola padronizada, organizada para não questionar, criticar, ou desorganizar conteúdos, métodos, currículos, quadro e sala de aula é algo pelo qual ainda não estamos (ou não queremos estar) preparados. Assim como enfatizam Caregnato e Meinerz (2013, p. 40), quando afirmam que a escola “[...] possui importantes limites para o reconhecimento da diversidade cultural e social em suas práticas curriculares e para a integração equilibrada da diversidade existente no seu interior”. Entende-se assim que a escola é, sem dúvida, um terreno fértil para a produção sociocultural, embora ainda esteja em fase de construção no sentido de fomentar e instigar o pensamento crítico, colaborativo, justo e da diversidade cultural.

No entanto, vale destacar que o acesso a toda essa sofisticação tecnológica ainda encontra inúmeras barreiras no ambiente escolar, tendo em vista a desestrutura ainda presente. Nem falo aqui das questões físicas, mas muito mais da constituição dos tempos e espaços a que se refere o sistema de funcionamento da escola, como o currículo, a avaliação, a formação de professores, a divisão por disciplinas, a individualização dos saberes, dentre outros tantos equívocos que poderiam ser elencados. Sem contar nas condições que se passam em países como o nosso, assolado por diferenças sociais e culturais intensas e excludentes, como pondera Sales (2014, p. 230):

[...] embora possamos afirmar que as tecnologias estão onipresentes na gestão da vida, elas não estão igualmente distribuídas na sociedade. A inclusão digital ainda é um enorme desafio, especialmente em países marcados por uma histórica e arraigada desigualdade social como o Brasil.

Compreender a pluralidade juvenil, seus modos de vida e a facilidade e o apego que esta tem em mover-se pelas mídias e tecnologias digitais, faz com que suas vivências se tornem extremamente amplas, diversificadas e movediças. Os jovens de hoje têm uma capacidade extraordinária de lidar com várias coisas ao mesmo tempo. Se antes praticar alguma atividade física, dançar ou passear com os amigos poderia



ser considerado práticas normais de lazer, hoje as manifestações consumistas do veloz e descartável, bem como, passar horas conectadas em redes sociais e/ou em joguinhos no celular, virou uma mania – quase que doentia – das novas juventudes, e conseqüentemente, novas e modificadas formas de organização dos tempos e espaços, como podemos perceber nas falas de Lopes da Silva e Velozo (2014, p.10):

Podemos também pensar na variedade de opções referentes às formas de lazer na atualidade: consumo de mercadorias destinadas a diversão (DVDs, CDs, livros, viagens, equipamentos), consumo de serviços, pacotes de viagem e cursos. A produção e difusão, pela mídia, de imagens e mensagens a serem consumidas, o simulacro, o uso da tecnologia – como é o caso do uso do computador –, o espaço virtual, são possibilidades de acesso ao lazer que se destacam pela compressão do tempo e do espaço.

Bauman (2016) ao comparar as redes sociais com uma armadilha, revela que a intimida dos jovens em manusear e transitar por este mundo, lhes confere ainda mais autonomia e liberdade, uma vez que aos adultos não lhes é permitida uma maior interação com o meio, seja pelo tempo escasso ou pelo receio de não saber/aprender como se faz. Sales (2014, p. 234) refere ainda que “a juventude é um ícone nesse processo, pois ela interage crescentemente com as tecnologias e, assim, se produz, orienta seu comportamento, conduz a própria existência”. Para exemplificar melhor utiliza o termo “ciborguizado”, no instante em que considera as tecnologias digitais “um importante elemento constitutivo da cultura juvenil”. Vale destacar que o termo ciborgue, segundo Haraway (2000, p. 40) consiste em “um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo. [...] entremeio artificial-natural, não é nem isso nem aquilo, não conhece a oposição binária que de certo modo estrutura o pensamento ocidental”. Com a multiplicação dos artefatos tecnológicos nos últimos tempos, a noção de ciborgue tem-se ampliado para toda pessoa que tem sua vida mediada pelas tecnologias digitais.

De tal modo, é possível compreender que o uso das tecnologias/redes sociais constitua uma dimensão inerente à juventude contemporânea, que já se familiariza com o celular desde muito cedo, como argumenta Sibilia (2012, p. 51) ao dizer que “por motivos óbvios, os jovens abraçam essas novidades e se envolvem com elas de maneira mais visceral e naturalizada”.

Tal situação evidencia-se com força na escola à noite, quando estes jovens chegam cansados e percebem ali um espaço que favorece as trocas, a socialização, a desaceleração de uma rotina rígida e de falta de tempo livre que lhes é imposta pelo ambiente de trabalho.

### **3 | (DES)CONEXÃO! PROBLEMATIZANDO AS NARRATIVAS DE ALUNOS / TRABALHADORES**

Ao eleger este público específico, algumas conexões foram abrindo espaços possíveis de investigação. Principalmente por conta deste segmento juvenil, que

trabalha de dia e estuda à noite, que se movimenta, se relaciona, se exige neste contexto em que (sobre)vive e no qual se insere. Sujeito que apesar de jovem, assume responsabilidades de independência financeira em relação aos seus pais, muitos deles contribuindo no sustento de suas famílias, além do fato de tornarem-se mais autônomos por estarem fora de casa à noite.

A partir da análise das narrativas dos estudantes, dos dados dos questionários e, principalmente, pela observação atenta sobre este grupo, passei a identificar a intensa atração das tecnologias digitais na constituição das suas relações. Em inúmeros casos, a questão do trabalho foi elencada pelos/as estudantes como fator que dificulta a movimentação pelas redes de computadores e telefones celulares, conforme relatos de alunos: “no trabalho não dá pra usar o celular” ou “aqui (na escola) tem *wi-fi*, aí entro na internet”. Ao serem questionados sobre o fato de que na escola, a exemplo do trabalho, também não se pode usar o celular, respostas como “ah, mas aqui (na escola) é diferente” ou “aqui pode, dou uma escapada da sala”.

Tais respostas apontam para a escola como um espaço mais flexível em relação ao trabalho, onde as regras estabelecidas podem ser menos observadas, dando assim, a conotação de um espaço desprovido de obrigações, ou seja, o estudo e aprendizagem não são as ações fundamentais, mas sim, as possibilidades que rodeiam as perspectivas de socialização.

Dentre as narrativas surgiram também referências ao “descanso” e à “falta de tempo”, fato que indica que o pouco tempo livre que lhes “sobra” acaba destinado ao ato de “descansar, relaxar, dormir, recarregar as baterias, fazer o que gosta”. Dentre as principais, elenquei algumas para reforçar as análises, lembrando que os nomes dos/as alunos/as são fictícios:

Luiz - “Ah, o celular é importante, a gente vicia, mas tem a coisa boa e ruim, tem que saber usar”.

João - “Gosto de ficar sozinho, jogado no sofá, daí o celular é minha companhia, bate-papo”.

Ao circular pelos espaços de concentração da juventude é impossível não notar a dependência que esta tem pelo telefone celular. No ambiente escolar tal condição é ainda mais evidente tamanha é a atenção que o artefato dispensa, estejam os jovens pelos corredores ou mesmo em salas de aula, com ou sem a presença de professores. Seja pelo acelerado dedilhar que suas teclas concentram, pela visualização de filmes, vídeos, fotos e mensagens, por *selfies* individuais ou coletivas, pelos mais variados *games*, pelas músicas de seus fones de ouvido ou navegação na *web*. Sem sombra de dúvidas o que mais atrai no momento são as redes sociais, dentre as principais estão o *Facebook*, *Wattsapp*, *Twitter*, *Instagram*, *Skype*, *Snapchat* e *Youtube*.

Deste modo, conforme aponta Martín-Barbero (2002), a empatia dos jovens pela cultura tecnológica, que vai da informação vinda da televisão até a facilidade

de manejo com as redes de informática, produziu uma nova sensibilidade feita de cumplicidade cognitiva e expressiva, ou seja, são nos seus relatos e imagens, sonoridades, fragmentos e velocidades que eles encontram seu idioma e seu ritmo.

Deste modo, torna-se intensamente visível a influência das tecnologias, especialmente associadas ao uso do celular, na sociedade, principalmente do público jovem, que trata o artefato como uma extensão do próprio corpo, tamanha é a necessidade de tê-lo instantaneamente ao alcance dos olhos – e dos dedos –, bem como tudo o que o acesso à internet pode acarretar. Associado a isso o acesso a tudo e a todos, proporcionado pelo celular, torna o equipamento um referencial de entretenimento e de múltiplas possibilidades. Assim, ao buscar uma relação das análises elencadas com as práticas juvenis contemporâneas, é possível compreender a construção de novas e diferenciadas formas de constituição da própria juventude.

#### **4 | POSSÍVEIS CONEXÕES, CARREGAMENTOS PENDENTES...**

Ao perceber a interferência das tecnologias digitais no mundo atual é inegável compreender que tais artefatos estão definitivamente presentes em nossos espaços escolares e são constituidores de novas formas de pedagogias. Invadem nossa vida privada com intensa auto permissividade, borrando definitivamente as linhas do íntimo e do público.

Impossível é desconsiderar tais artefatos e suas possibilidades no campo da educação, embora tal condição é ainda assustadora, afinal, quem pode fazer uso destes com propriedade? quem sabe lidar com eles? nós, os professores, estamos preparados para isso? Sendo que o próprio sistema escolar desfavorece tal condição, seja pelo tempo, currículo, disciplinas, formação, estrutura física, os/as próprios/as alunos/as, dentre outras tantas barreiras, diante destes/as jovens, sempre ávidos por novidades.

Somos habitantes hoje de um novo espaço comunicacional, onde não nos encontramos mais senão por conexões de redes. O estar junto hoje é a partir de nossas casas, de nossos celulares e deles nos conectamos com o mundo. Somos hoje poetas, intelectuais, românticos, prestativos, corajosos, aventureiros no dedilhar das teclas e no deslizar das telas, no entanto sequer balbuciamos um “olá” quando cruzamos pelos mesmos sujeitos a quem fomos tão íntimos há poucos instantes pelas redes. Nem mesmo temos a capacidade de levantarmos os olhos...

Assim, como assevera Bauman (2008), nesse contexto de velocidade, de escolhas múltiplas e infundáveis, no qual o sujeito torna-se presa frágil, acometido por indecisões e inseguranças, o emaranhado de conexões da revolução tecnológica atropela com sagacidade as relações humanas. Pois se até poucas décadas atrás o roteiro programático – e natural – dos jovens era mirar-se em seus pais e demais adultos, numa rotina de constituição da família, ter filhos e um trabalho que explicitariam certa autonomia financeira e maturidade, hoje a supervalorização do

presente e do imediato tendem a inverter essa lógica.

Não obstante, tais condições imprimam forte tensão sobre a juventude, dada a efervescência dos modos de vida atuais, pautados pelo consumo, pelas tecnologias digitais e os apelos da mídia, como reforça o sociólogo italiano Alberto Melucci, citado por Bauman (2013, p. 23), ao dizer que “estamos contaminados pela fragilidade da condição presente, que exige um alicerce firme onde não existe alicerce algum”.

Deste modo, ao olhar sobre as juventudes que frequentam a escola à noite, depois de um dia de trabalho, com seus semblantes cansados e imaginar suas possibilidades e/ou entendimentos, penso, mesmo que modestamente, oferecer uma parcela de contribuição, neste vasto campo de investigação que é a juventude contemporânea.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Psicologias do Brasil**. Disponível em: <http://www.psicologiasdobrasil.com.br/zygmunt-bauman-as-redes-sociais-sao-uma-armadilha/>. Acesso em: 28 jun. 2016.

BAUMAN, Zygmunt. **Sobre educação e juventude**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para o consumo**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CAREGNATTO, Célia Elizabete; MEINERZ Carla Beatriz. Educar para a diversidade: viver diferenças e tensionar desigualdades na escola. In: CAREGNATTO, Célia Elizabete; BOMBASSARO, Luiz Carlos (Orgs.). **Diversidade Cultural: Viver Diferenças e Enfrentar Desigualdades na Educação**. Erechim: Novello&Carbonelli, 2013.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Maria Hessel; SOMMER, Luís Henrique. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista Brasileira de Educação**. Campinas, nº 23, p. 36-61, maio/jun./jul./ago. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a03.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2016.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. In: **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 40-52, set./out./nov./dez. 2003.

FEIXA, Carles. **De jóvenes, bandas y tribus: antropología de la juventud**. Barcelona: Editora Ariel, 1999.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Adolescência em discurso: Mídia e produção de subjetividade**. Porto Alegre: UFRGS, 1996. 297 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Porto Alegre, 1996.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia e educação da mulher: sobre modos de enunciar o feminino na TV. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 586-599, 2001.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas. **Revista Brasileira de Educação**. v.12, n.35, mai/ago 2007. P.290-299.

GARBIN, Elisabete Maria. Conectados por um fio: Alguns apontamentos sobre internet, culturas juvenis contemporâneas e escola. In: BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação a Distância. **Juventude e escolarização: os sentidos do Ensino Médio**, 2009.

HARAWAY, Donna J. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Antropologia do ciborgue**: as vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 37-129.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Jóvenes, comunicación e identidad. Organización de Estados Iberoamericanos para la Educación, la Ciencia y la Cultura: Pensar Iberoamérica. **Revista de Cultura** (revista digital). n.0, Febrero, 2002.

RAMOS, Tanise Müller. **Tecendo tramas, trançando gentes**: narrativas constituindo identidades em uma escola municipal de Porto Alegre/RS no ensino da história e cultura africana e afro-brasileira. Porto Alegre: UFRGS, 2009. 239 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

SALES, Shirlei Rezende. Tecnologias digitais e juventude ciborgue: alguns desafios para o currículo do Ensino Médio. In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares. (Orgs.). **Juventude e Ensino Médio**. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes**: a escola em tempos de dispersão. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SILVA, Cinthia Lopes da; VELOZO, Emerson Luís. Apontamentos sobre as práticas culturais como manifestação de lazer na contemporaneidade. In: **Revista Impulso**. Piracicaba: UNIMEP, v. 24, n. 61, p. 7-16, 2014.

SPÓSITO, Marília Pontes. Educação e juventude. In: **Educação em Revista**. Belo Horizonte: FEA/UFMG, n. 29, 1999, p. 7-13.

SPÓSITO, Marília Pontes. (Coord.). **Juventude e escolarização** (1980-1998). Brasília: MEC/INEP/Comped, 2002.

## **SOBRE OS ORGANIZADORES**

**KEYLA CHRISTINA ALMEIDA PORTELA** - Secretária Executiva formada pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Licenciada em Língua Inglesa e Espanhola pelo Centro Universitário de Varzea Grande – UNIVAG. Especialista em Linguística Aplicada pela Unioeste, Especialista em Gestão de Processos e qualidade pela Uninter, Especialista em Recursos Humanos pela Uninter, Especialista em Gestão de projetos pela Uninter, Especialista em Gestão e Docência em Ead pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Especialista em Didática do Ensino Superior pela Unipan, Especialista em Formação de professores pela UTFPR. Especialista em MBS – Master Business Secretaries pela Uninter. Mestre em Educação pela Universidade de Lisboa e Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCSP). Desenvolve trabalhos nas áreas de educação, ensino e gestão. Atualmente é docente do Instituto Federal do Paraná – Campus Assis Chateaubriand. E-mail para contato: keylaportela@bol.com.br

**ALEXANDRE JOSÉ SCHUMACHER** – Secretário Executivo formado pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE; Bacharel em Administração de Empresas com Habilitação Administração Hospitalar; Tecnólogo em Comércio Exterior; Doutor com menção internacional em Economia e Direção de Empresas; Tese resultante do processo de doutoramento foi premiado internacionalmente no prêmio “Adalberto Viesca Sada” pela Universidade de Monterrey no México no ano de 2015; possui Mestrado em Administração de Empresas; Especializações Lato Sensu em: Comércio Exterior para Empresas de Pequeno Porte; Docência no Ensino Superior; Administração e Marketing; MBA em Planejamento e Gestão Estratégica; MBA em Administração e Gerência de Cidades; Gestão Escolar; Administração em Agronegócios.. Já atuou como consultor em grupos empresariais em setores específicos; realiza palestras em conferências em temas específicos relacionados a sua área de formação e de desenvolvimento de pesquisas. É Pesquisador de temáticas relacionadas com as empresas familiares e suas dinâmicas. É Practitioner em PNL e Hipnose Moderna. Atualmente é docente do Instituto Federal do Paraná – Campus Assis Chateaubriand. E-mail para contato: alexandre.jose.schumacher@gmail.com

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Alteridade 80, 85

Animes 90, 96

Arduino 155, 156, 157, 158, 159, 160, 164, 165

Arte 98, 99, 100, 101, 112, 113, 140, 159, 162, 236

Aulas práticas 62, 66

### C

Computação Física 155, 164, 165

Conhecimento 62, 96, 132, 134, 137, 240, 320

### D

Diversidade sexual 37

### E

Economia de Belém 67

Educação STEAM 155

Elementos geométricos 98

Ensino-aprendizagem 13

Ensino de História 267, 278

Ensino de imunologia 90

Ensino Profissional e Tecnológico 13

Escolarização 1

Escola sem Partido 181, 182, 184, 185, 186, 188, 190, 191, 192, 264

Escravidão no Brasil 202

Escrita 122, 123, 202

Escrita epistolar 202

### F

Formação de Professor 13

Fotografia 267, 269, 279

### G

Gêneros textuais 242, 243, 250

Gerencialismo 251

## **H**

História da Ciência 49, 50, 51, 56, 57, 59, 60

## **I**

Imaginação e criatividade 98

Indígena 1, 2, 3, 7, 8, 9, 10, 11

## **L**

Leitura 122, 123, 128, 129, 141, 242

Livro didático 37

## **M**

Maus Tratos 71

## **P**

Patrimônio 267, 278, 279

Políticas Públicas 181

Pós-Estruturalismo 37

Produção de texto 242

Programação 155

Psicanálise 71, 75, 76

## **R**

Reflexão 114, 143

## **T**

Trabalho Docente 181



Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-551-8

